

Desigualdade na era moderna: uma questão não resolvida

Um tratado sobre a desigualdade

Jean Jacques Rousseau falava em dois tipos de desigualdade [1]. Basicamente, a primeira se tratava de diferentes aptidões e talentos. A outra se originava de interesses políticos, favorecimentos a certos grupos e corporações. O primeiro tipo de desigualdade não é negativo; o segundo, sim, é.

Dito isso, os meios econômicos de reduzir a desigualdade negativa é, basicamente, através de maior liberdade econômica [2]. Claro, existem relações com a educação, saúde, saneamento básico, infraestrutura, em suma, tratar de garantias de acesso a tais itens é também um desafio econômico. De certa forma, pode-se dizer que tais itens supracitados são de responsabilidade do estado. No entanto, questiona-se: "como o estado consegue recursos?". Basicamente, através de impostos cobrados em cima das famílias e empresas.

Seguindo uma lógica matemática, quanto maior a prosperidade das famílias e empresas, maior o poder de captação de recursos do estado, considerando o estado o fornecedor de saúde, educação e outros serviços. A garantia de prosperidade das famílias e empresas, por sua vez, é através de um ambiente de constante aprimoramento de técnicas produtivas, isso ocorre em um sistema de ampla competição de livre mercado.

Sistemas descentralizados, como o mercado, são mais eficientes no que diz respeito a solução de problemas alocativos, ou seja, em criar medidas eficientes de Pareto. Então, a prosperidade geral é garantida com um mercado bem desenvolvido [3], enquanto a igualdade deve ser tratada como ponto específico, isto é, como se fosse um ponto necessário para se trabalhar, a fim de melhorar as condições de vida de grupos em extrema vulnerabilidade.

Desigualdade, uma concepção histórica

Na história, podemos perceber padrões em países desenvolvidos, como principalmente, nos ocidentais, onde a diminuição de renda e desigualdade aconteceram após grandes situações históricas de caos, como guerras e depressões [4]. Esses momentos foram necessários para a redução da desigualdade no século passado e, principalmente, para que as elites concordassem com reformas sociais e econômicas onde no período, não era bem visto. Esses fenômenos mostram que a desigualdade é mais uma consequência de ações políticas e interesse do que econômicas exclusivamente. A origem histórica da desigualdade é clara. Nos EUA, vemos efeitos até hoje. Muitos acham que isso também veio do desenvolvimento de estado de bem-estar

social nos EUA, como houve na Europa. As reformas tiveram muita hostilidade por parte da população. Isso se relaciona com o ressentimento histórico racial. Interpretando-se que essas políticas iriam beneficiar outros grupos sociais, como os latinos [5]. Então, essa divisão étnica não permitiu o desenvolvimento de políticas de bem-estar social nos EUA.

Também no Brasil, temos abolição tardia da escravatura e as diferenças regionais observadas até hoje. A coroa portuguesa, quando explorou o país, criou um estado materialista com Marquês de Pombal [6], dominado pela pequena classe burguesa vinda da colônia. Essa atitude se manteve até a metrópole, cultura que reflete até hoje no corporativismo e interesses elitistas no país, fomentando a desigualdade.

A desigualdade na era da globalização

Nesse contexto, muitos economistas culpam a globalização pelo aumento da desigualdade [7]. O problema deste tipo de explicação é que a globalização não aconteceu só em países desenvolvidos, mas também em regiões como Ásia e Europa. Se a globalização fosse a única explicação, o comportamento da desigualdade, deveria ser o mesmo em todos os lugares. Mas ela cresceu muito mais em alguns países, principalmente no Brasil e nos EUA em comparação à Europa e Ásia. Portanto, temos outras explicações que são particulares para cada caso.

De acordo com *Simon Kuznets* [7], resumidamente, na medida em que o desenvolvimento econômico do país progride, haverão ganhos de educação e as pessoas conseguirão buscar mais qualificação, havendo uma queda natural na desigualdade de renda. É preciso analisar profundamente essas conclusões determinísticas, onde, ao analisar as curvas de Kuznets [8] nos gráficos, percebemos que nem sempre países desenvolvidos tendem à diminuição da desigualdade de renda. A curva invertida de inflação americana [9] é um bom exemplo disso, relata como a tecnologia globalizada vêm aumentando a concentração de dinheiro em mãos de grandes empresas, criando um problema econômico futuro imensurável com a substituição da mão de obra por máquinas e tecnologia. A globalização não explica tudo, existem vários fatores importantes que influenciam esse aspecto, não podemos tomar conclusões objetivas nesse assunto.

Interpretação de soluções para a desigualdade

A confiança traz estabilidade e maior estabilidade gera mais confiança. Sociedades com maiores relações de reciprocidade e confiança, se desenvolveram mais. Um exemplo, no Centro-Norte da Itália, onde as relações confiança foram tradições históricas [10]. Com isso, os governos tiveram maior desempenho, a economia, maior desenvolvimento. É extremamente importante que as

pessoas tenham confiança nas instituições para que se possa atingir um ambiente de negócios saudável.

Matematicamente, esse fenômeno é interpretado usando a *teoria dos jogos de John Nash* [11], analisando um caso, pessoas ou instituições preferem tomar estratégias de jogos competitivos mediante a jogos cooperativos. Porém, a longo prazo, as estratégias cooperativas se tornam benéficas para todos os agentes, propiciando, em uma interpretação econômica, um desenvolvimento dos arranjos econômicos locais quando em cooperação social, otimizando as alocações de mercado e tornando-as pareto eficientes [12].

É importante também, aumentar os ganhos da população com menor renda que mantém a base da pirâmide social. Entender como eles podem ter acesso a educação e qualificação. No entanto, são necessárias reformas tributárias profundas para lidar com a concentração de renda. Nações que têm sistemas tributário com muitos impostos indiretos acabam fazendo com que grupos de média e baixa rendas sejam mais tributados [13].

Atualmente, nós vemos regularmente políticas de identidade [14]. Essas, são caracterizadas como políticas que criam uma representatividade para um grupo social. Usar essa característica de forma correta e justa, podem auxiliar governos na união de pessoas pela identidade e gerar informação. A informação é um ponto importante nessa perspectiva, usada de forma eficiente, ajuda a diminuir a polarização nas atitudes político-econômicas e sociais, criando políticas sensatas para um bem coletivo, principalmente, à favor de uma redistribuição de renda igualitária. Deve se ter consciência de que, principalmente aqui no Brasil, hoje em dia a política é uma coisa complicada. Existe falta de confiança na democracia e nos partidos políticos. É nesse momento, que entram a cooperação e colaboração social para iniciar a revolução política, econômica e social.